

PESQUISANDO A TRAJETÓRIA DO JÊ MERIDIONAL¹

Pedro Ignácio Schmitz²

Jairo Henrique Rogge³

Resumo

Linguístas falam que, a partir de três mil anos atrás, populações Jê se teriam deslocado para o planalto meridional, onde a língua se diferenciou em dois blocos e vários dialetos. Insinuam que o deslocamento não formou uma diáspora, mas uma etnogênese num ambiente em transformação. Em busca dessa trajetória a equipe do IAP apresenta suas contribuições. Ela não alcançou os primeiros migrantes, mas pode apresentar lugares de fogo de um assentamento datado de 2.640 anos A.P. Também conseguiu dados para a movimentação dos antigos grupos no espaço. No litoral atlântico de Santa Catarina escavou grande cemitério, ainda sem cerâmica, datado de 1.500 anos A.P., para o qual eram trazidos os mortos, depositando corpos inteiros em sepulturas individuais, esqueletos descarnados ou descarnados e cremados em pacotes com vários indivíduos; o sítio é interpretado como local de referência ritual de um grupo móvel, que circulava na planície costeira. No planalto das araucárias, também em Santa Catarina, a equipe fez escavações num sítio com mais de cem 'casas subterrâneas', densamente aglomeradas, muitas vezes reocupadas, sem cerâmica, datadas de 1400 a 1000 anos A.P.; o sítio é interpretado como local de múltiplos acampamentos junto ao que seria um pinheiral pioneiro na expansão da Araucária sobre o planalto. Também fez escavações em sítio com 13 'casas subterrâneas', sem cerâmica, com datas idênticas. São pontos concretos em que se visualizam as primeiras instalações dos grupos. Na região, a cerâmica, pouca e simples, só aparece vários séculos depois. Segundo os palinólogos, a floresta mista com Araucária, depois de uma presença vestigial, teve grande expansão ao redor do ano mil, outra, ao redor de mil e duzentos de nossa era, expansões que vêm acompanhadas por sítios com 'casas subterrâneas' maiores e mais estáveis, em aglomerados menores, mais distribuídos territorialmente. Junto com os pinheirais, a encosta do planalto, a planície costeira e o litoral marítimo também foram habitados, com apropriação diferenciada dos recursos, estruturas habitacionais a céu aberto e variada deposição dos mortos. Então também a cerâmica aparece diversificada, sem ainda conhecermos seu processo de formação e regionalização. Pouco antes da conquista europeia surgem as 'estruturas

¹ Texto apresentado no II Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-História (II CIAEE), Dourados, MS. Publicado em CD Rom nos *Anais* do evento (ISSN 2177-5206), 2012, aqui reproduzido com a anuência dos editores.

² Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, São Leopoldo, RS. Bolsista de Produtividade Sênior do CNPq. E-mail: anchietano@unisinos.br

³ Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, São Leopoldo, RS. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: rogge@unisinos.br

anelares' e os 'danceiros'. Existen datas para o período colonial e nacional, mas elas pouco axudam para ligar o pasado construído polos arqueólogos com o pasado dos historiadores e o presente dos etnógrafos.

Resumen

Investigando la trayectoria del Jê Meridional

Linguistas dicen que, a partir de tres mil años pasados, poblaciones Jê se habrían desplazado para el altiplano meridional, donde la lengua se habría diferenciado en dos bloques y varios dialectos. Insinúan que el desplazamiento no se concretó como una diáspora, sino como una etnogénesis en un medio ambiente en transformación. El equipo del Instituto Anchiitano de Pesquisas presenta aquí sus contribuciones en esta búsqueda. En ella no alcanzó los primeros migrantes; pero puede, sí, presentar fogones de un asentamiento fechado en 2.640 años A.P. También posee datos para la movilidad de los antiguos grupos. En el litoral atlántico de Santa Catarina excavó un extenso cementerio, todavía sin cerámica, fechado en 1.500 años A.P., para el que se llevaban los muertos, depositando cuerpos enteros en sepulturas individuales, esqueletos sin carne, y huesos cremados en paquetes de más individuos; se interpreta el yacimiento como lugar de referencia ritual de un grupo, que se movía en la llanura costera. En el 'planalto de las araucarias', también en Santa Catarina, se excavó un yacimiento con más de cien 'casas pozo', densamente agrupadas, muchas veces reocupadas, sin cerámica, con fechados que se extienden de 1.400 hasta 1.000 años A.P.; se interpreta el yacimiento como un sitio de múltiples campamentos junto a un pinar pionero en la expansión de la Araucaria sobre el altiplano. También hay excavaciones en asentamiento con 13 'casas pozo', sin cerámica, con fechados parecidos. Son puntos concretos que hacen visibles las primeras instalaciones de los grupos. La cerámica, poca y simple, aparece en la región sólo algunos siglos después. Según los palinólogos, la Foresta Mixta con Araucaria, después de una presencia vestigial, habría tenido una gran expansión alrededor del año mil, otra, alrededor del mil doscientos de nuestra era, expansiones acompañadas por yacimientos con 'casas pozo' más potentes y estables, en composiciones con menor número de estructuras, más distribuidas por el territorio. En el mismo tiempo que los pinares, fueron poblados la falda del planalto, la llanura costera y el litoral marítimo, explotando bienes diferentes, construyendo habitaciones a cielo abierto y diversificando la deposición de los muertos. Luego también la cerámica aparece diversificada, sin que todavía comprendamos su proceso de formación y distribución regional. Un poco antes de la conquista europea aparecen los túmulos ('estruturas anelares') y las plazas ('danceiros'). Se conocen fechados para el período colonial y nacional, pero nos ayudan poco en nuestro intento de conectar el pasado de los arqueólogos con el pasado de los historiadores y con el presente de los etnógrafos.

Abstract

Investigating the trajectory of the Jê Meridional

Linguists propose that about three thousand years ago Jê people moved to the southern highlands, where their language differentiated in two blocs and several

dialects. They suggest that the movement did not result in a Diaspora, but in an ethno genesis, in an unstable environment. The archaeologists of the Instituto Anchieta de Pesquisas present their contributions to the trajectory. They did not find the first migrants, but can present fire places of a site dated 2.640 years B.P. They also got data about the residential mobility of the ancient groups. On the Atlantic sea shore of Santa Catarina they excavated a great, non ceramic, cemetery, dated 1.500 years BP, where corpses were buried in individual graves, skeletons and cremated human bones in packages with more individuals; the site is perceived as a ritual place of a mobile group on the coastal plain. On the Araucaria highlands, also in Santa Catarina, the archaeologists excavated another site, where more than hundred non ceramic pit houses are densely juxtaposed, with renewed occupations, dated 1.400 through 1.000 years BP; the site is seen as a place of multiple camps in a pioneer pine forest, at the time of the Araucaria's first expansion over the highlands. They excavated also a site with 13 non ceramic pit houses of the same age. These are solid spots to visualize the first installations of the groups. A simple and scarce pottery appears only some centuries later. Palinological studies report that the mixed forest with Araucaria trees, after a restricted existence in narrow valleys, expanded over the highlands around the end of the tenth century, and again two centuries later; these expansions were followed by greater and more stable pit houses, in smaller, but more dispersed sites. At the same time there were settled the highland's slope, the costal plane and the sea shore, with diversified exploration of the environment, open air houses and varied deposition of the dead. Then, the pottery also appeared diversified, but we don't know its formation process and regional distribution. A little time before the arriving of the European colonists emerged the funeral mounds and communal places. There exist some C¹⁴ dates for the colonial and national period, but they are of little utility to connect the archaeological past with the historical past and the ethnographic present.

Introdução

Os linguistas falam que, a partir de três mil anos atrás, populações Jê dos cerrados do Brasil Central se teriam deslocado para os altos campos do Sul, onde a vegetação se estava tornando mais densa em consequência de uma amenização do clima, oportunizando a expansão da mata mista com *Araucaria angustifolia* sobre a vegetação campestre (Urban 1992). A língua falada pelos grupos em movimento se teria diferenciado, com o passar dos séculos, em dois blocos que passaram a apresentar distribuição regional: o xokleng, com indícios de mais antigo, no leste, e o kaingang, com indícios de mais recente, no centro e oeste; o bloco kaingang seria falado, no século XX, em cinco dialetos, distribuídos de sul a norte em conformidade com o período da chegada: os dois mais antigos no Rio Grande do Sul, e os demais, sequencialmente, em Santa Catarina, no Paraná e em São Paulo (Wiesemann, 1978).

Com isso, eles insinuam que a movimentação e nova instalação do grupo não caracterizaria uma diáspora, como a do Guarani (Hall 2003), mas algo na direção de uma etnogênese (Bartolomé, 2006).

Os linguistas teriam dificuldade em reconstituir a trajetória concreta dessa população no espaço e no tempo, e o processo pelo qual ela adquiriu as características atuais. Esta é a tarefa dos arqueólogos, que possuem os devidos instrumentos e os necessários incentivos: os sobreviventes se constituem numa das maiores populações indígenas brasileiras, e seus antigos assentamentos marcam fortemente a paisagem do Sul do Brasil e de parte de São Paulo, no planalto e no litoral, carecendo de explicação para os moradores locais e podendo servir para a visita turística.

Existe grande bibliografia etno-histórica, etnográfica, linguística e biológica sobre o Kaingang e o Xokleng e outra parecida sobre os que se consideram seus vestígios arqueológicos. Os arqueólogos usam principalmente a cerâmica para identificar seus assentamentos. No planalto vêm sendo associadas a eles as 'casas subterrâneas' e, agora, também gravuras em abrigos e blocos rochosos. O espaço ocupado no período colonial pode, ainda, ser usado como referência secundária.

Nosso objetivo não é retomar o universo das informações para construir mais uma síntese. Mas indicar como novas pesquisas da equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, tanto no planalto, como no litoral de Santa Catarina, estão proporcionando dados e datas para melhorar a compreensão da longa trajetória proposta pelos linguistas na formação da etnia, especialmente de seu período mais antigo. Para este novo conhecimento foi importante ampliar e diversificar o espaço das pesquisas, datar sistematicamente os fenômenos encontrados e comparar os dados arqueológicos com os da evolução ambiental, proporcionados por palinólogos.

Nos espaços trabalhados não foi possível captar os passos dos que seriam os primeiros migrantes, que, supõe-se, teriam sido poucos, muito móveis e dispersos. Mas, no planalto de Santa Catarina, já podemos apresentar lugares de fogo, estruturados, de um assentamento de meados do primeiro milênio antes de Cristo, portanto bem perto da pleiteada penetração (Schmitz *et al.*, 2010).

É só mil anos depois, em meados do primeiro milênio de nossa era, período marcado por adensamento florestal no planalto e no litoral (Bauermann & Behling 2009; Bauermann *et al.* 2009), que captamos sua presença em locais do planalto em que acampavam periodicamente para fins de abastecimento alimentar (Schmitz & Rogge, 2011) e num cemitério do litoral em que depositavam seus mortos (Schmitz *et al.*, 1999). Tanto os locais de acampamento, quanto o da deposição dos mortos, testemunham que, no início, eles eram muito móveis e não usavam cerâmica.

Apenas no final do primeiro milênio de nossa era começa a aparecer, nos mencionados acampamentos do planalto, uma cerâmica da sub-tradição Itararé (Schmitz & Rogge, 2011). Provavelmente nesse tempo ela também se torna presente no sítio da Tapera, na Ilha de Santa Catarina, cujo povoamento inicial apresenta sucessão de pequenas habitações que lembram os

acampamentos do planalto, talvez um pouco mais estáveis porque nelas eram enterrados seus moradores (Silva *et al.*, 1990).

Aparentemente, ao tempo em que os sítios estudados no planalto e no litoral de Santa Catarina ainda eram acerâmicos, os do Rio Grande do Sul já possuíam cerâmica, a da sub-tradição Taquara (Miller 1967). Isto exige nova verificação e, se verdade, levanta a questão da unicidade da indústria cerâmica do Jê Meridional e da sua origem, i. é, se ela foi trazida pelos migrantes, ou criação local (Silva, 1999).

As pesquisas de Santa Catarina mostram a simultaneidade da ocupação antiga do planalto das Araucárias e da planície costeira, na qual começava a se desenvolver a floresta de restinga (Bauermann *et al.* 2009), junto à mata atlântica. Em cada um desses ambientes a ocupação assumiu características próprias: no planalto, com a exploração predominante do pinhão, primeiro em acampamentos, depois com casas subterrâneas mais estáveis; no litoral, com a pesca marinha, primeiro um cemitério de grupos migrantes, depois aldeias a céu aberto.

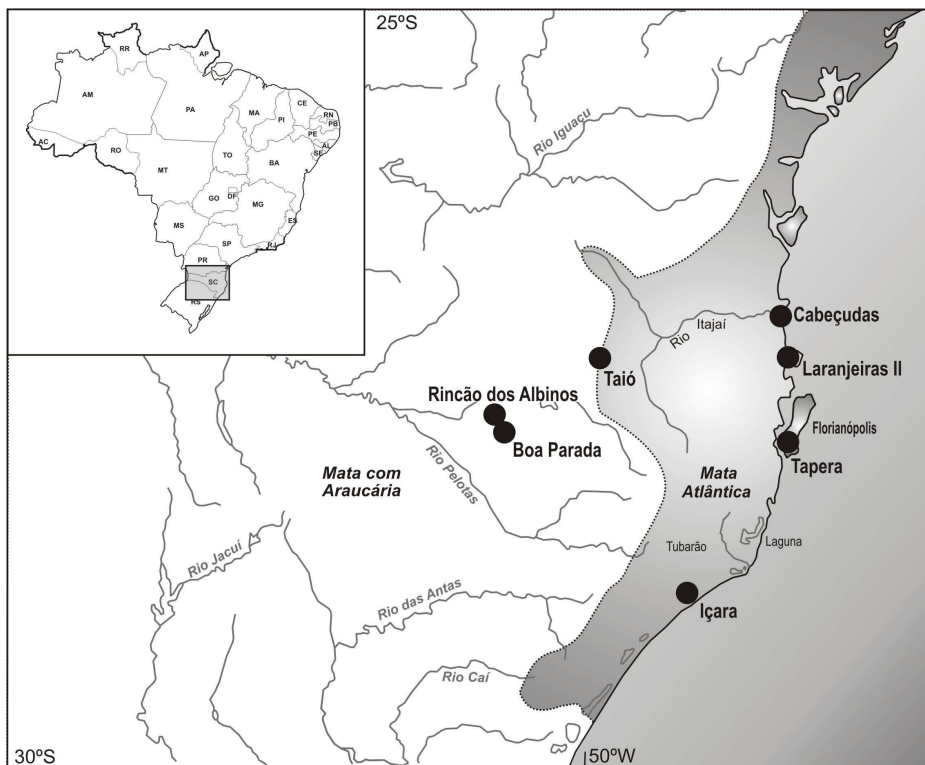


Figura 1: Os locais a que se refere o texto. Mapa adaptado de Schmitz *et al.*, 2009, p. 255.

Na ocupação do espaço, os grupos tiveram contato com populações pré-existentes ou contemporâneas: pescadores litorâneos construtores de sambaquis (Neves, 1988), caçadores da tradição Umbu da mata atlântica (Schmitz *et al.*, 2009), horticultores da tradição cerâmica Guarani nas bordas do planalto e na planície costeira (Rogge, 2005), e horticultores da tradição Aratu dos cerrados do Brasil Central (Schmitz & Rogge, 2008). Na maior parte das vezes o contato se apresenta como simples convivência de fronteira, mas no caso dos pescadores marinhos do litoral de Santa Catarina, resultou em nova formação social, que durou alguns séculos e teve seu fim, provavelmente, com a ocupação guarani do litoral.

Esses dados indicam que a trajetória do Jê Meridional não foi simples e linear como a transferência de um espaço para outro, tendo como resultado uma diáspora; mas foi complexa e multilinear, mais próxima de uma nova gênese, uma etnogênese.

Os primeiros acampamentos do planalto

Boa Parada 1

A ocupação mais antiga relacionada, com alguma probabilidade, à trajetória do Jê Meridional, está no sítio SC-CL-43, no lugar chamado Boa Parada, município de São José do Cerrito, numa altitude de 1030 m do planalto das Araucárias de Santa Catarina. As depressões geminadas de números 4/5, ali existentes, estão unificadas por um alto e largo aterro nivelado, que as envolve, fechando um espaço retangular de aproximadamente 20 por 15 m. Para compreender os estratos do aterro, que cerca as depressões, ele foi cortado por 4 trincheiras de 1 x 6 m, até dentro do solo original, em 3 lados do retângulo. Os estratos mostram que eles vêm da escavação das duas depressões, as quais tiveram uma primeira ocupação, com cerâmica, datada de 640 ± 40 anos A.P. (Beta-275575) e uma segunda ocupação, com cerâmica, datada de 470 ± 50 anos A.P. (Beta-256216). Nas quatro trincheiras, por baixo dos sedimentos provenientes da escavação das depressões, ao nível do solo original, apareceram estruturas de fogo. A mais característica (Figura 2), na trincheira 1, de mais de 50 seixos e fragmentos, junto com bastante carvão granulado, mas sem cerâmica, foi datada em 2.640 ± 40 anos A.P. (Beta-275577) (Schmitz *et al.*, 2010). As estruturas de fogo não são diferentes daquelas encontradas junto a casas subterrâneas. Não se conhece, na proximidade, nenhuma outra ocupação a que o sítio possa ser atribuído. De Masi (2006) divulgou data parecida, de um corte estratigráfico realizado em localidade próxima, mas são poucas as informações sobre o contexto.

A ligação efetiva dessa data à trajetória do Jê Meridional depende de pesquisa mais ampla.



Figura 2: Estrutura de fogo por baixo do aterro das depressões 4/5, no sítio SC-CL-43, na Boa Parada. Foto P.I. Schmitz.

Rincão dos Albinos

O sítio SC-CL-70/71, no Rincão dos Albinos, também em São José do Cerrito, é um conjunto de mais de cem depressões, com 4 a 8 m de diâmetro, conhecidas como ‘casas subterrâneas’, que estão dispostas nos dois lados de pequeno fluxo de água, numa chapada coberta por mata de Araucária, numa altitude de 920 m. As depressões se agrupam em conjuntos densos e apertados, muitas vezes se entrecortando, confundindo os limites das unidades (Figura 3).

Em 2011 e 2012 foram realizadas intervenções significativas em dez depressões de tamanhos e localizações diferentes e mais 21 cortes estratigráficos de 1 x 1 m, dispostos de forma sistemática no entorno das mesmas. Isto corresponde a 10% das estruturas do sítio e uma amostragem semelhante do entorno imediato. As depressões mostram estratos com mais de um metro de espessura, nos quais se alternam camadas mais claras e mais escuras, as escuras indicando ocupações humanas com estruturas de fogueiras, carvão e alguns artefatos, as claras originadas do assoreamento em momentos de abandono. Na mesma depressão as camadas de ocupação humana, geralmente de pouca densidade, podem chegar até cinco. Nos cortes

do entorno aparecem indícios de ocupação humana até 20 ou 30 cm de profundidade.

Os artefatos líticos recuperados nas camadas das depressões e dos cortes externos são de duas ordens: polidas lâminas de machado e mãos de pilão, em basalto de granulação fina, não local; e expeditos artefatos talhados sob a forma de lascas corticais e semi-corticais, junto com pequenos talhadores, em basaltos locais de menor qualidade; em mínima quantidade se recuperaram pequenas lascas e núcleos de calcedônia e também pequenos cristais de quartzo, alguns retalhados. Muito poucas ocorrências de cerâmica na camada superficial de duas depressões e em camadas finas de dois cortes externos.

Com a intenção de compreender o processo de utilização do local e de suas estruturas, foram realizadas 16 datações de C¹⁴, sendo 8 em cada lado do fluxo de água, com o que se buscou atingir a sucessão das ocupações nas depressões e no entorno, no sítio considerado como um todo único.

O resultado das datações é significativo. A primeira ocupação de 5 depressões e a ocupação de dois cortes externos, são do século VII de nossa era; a primeira ocupação de uma depressão é do século VIII; a primeira ocupação de uma depressão e a ocupação de um corte externo são do século IX. Três datas feitas sobre camadas sucessivas, separadas por camadas estéreis, de uma depressão com 5 ocupações, são todas do século VII e apresentam entre si diferenças ao redor de 20 anos. A segunda ocupação de duas depressões, com datas do século XV, provavelmente são demasiado recentes, por mistura de carvão recente na amostra; a segunda ocupação de uma outra depressão mostra claramente esta contaminação. Todas estas datas são de ocupações sem cerâmica.

A cerâmica aparece da seguinte maneira: 8 fragmentos de 2 pequenas vasilhas num corte externo datado em AD 870 a 1010; um fragmento de pequena vasilha numa camada superficial sobreposta a um estrato datado em AD 1160 a 1260; 8 fragmentos de duas pequenas vasilhas na superfície de uma depressão com três camadas datadas do século VII; 8 pequenos fragmentos de uma vasilha num corte externo sem data. Resumindo: das 10 depressões escavadas, em duas aparece cerâmica superficial (20%); dos 21 cortes externos, em 2 aparece cerâmica (9,5%).

Este é o maior dos sítios conhecidos como de 'casas subterrâneas'.

O que significam as datas? Primeiro, que estamos na faixa dos sítios mais antigos com 'casas subterrâneas' da ocupação considerada Jê Meridional. Segundo, que estas estruturas, ao menos durante os dois ou três primeiros séculos, não possuíam cerâmica; esta ocorre, superficialmente, em 20% das depressões, por cima de espessas camadas sem cerâmica, e em 9,5% dos cortes externos mais afastados das depressões, caracterizados por uma só ocupação na qual está a cerâmica.

As intervenções nas depressões sem cerâmica mostram ocupações pouco densas, repetidas em curtos intervalos, caracterizando sucessivos acampamentos no mesmo local, muitas vezes com novo aproveitamento de estruturas anteriores ou criando outras estruturas ao lado ou por cima das

anteriores. As ocupações com cerâmica apresentam a mesma característica de transitoriedade, confirmada ainda pela presença de apenas um ou dois pequenos vasilhames abandonados em cada local, junto de uma fogueira.

O caráter expedito das indústrias líticas talhadas, em matéria prima local, como a utilização de artefatos polidos trazidos prontos, sugere reduzida permanência residencial. A pouca presença de materiais lascados exóticos (3 fragmentos de arenito silicificado e um alisador em arenito Botucatu) indica pequena circulação do grupo.

As estruturas também apresentam características de transitoriedade: mesmo em depressões isoladas, o aterro resultante da escavação não é depositado de forma a nivelar a borda e criar uma larga plataforma externa como base para uma efetiva estrutura aérea, como acontece nas casas dos séculos seguintes; nas depressões aglomeradas em pequeno espaço as bordas frequentemente se confundem e entrecortam; elas apenas comportariam coberturas simples e passageiras.

O fato de os acampamentos se repetirem em pontos determinados, onde produzem novas depressões junto ou dentro das já existentes, pode estar ligado a tradições familiares ou clânicas. A existência de vários aglomerados, com regular distância entre eles, pode indicar presença simultânea de mais de um desses grupos.

Tratando-se de acampamentos passageiros pergunta-se a respeito do sentido de estarem ali centenas de vezes. Já nas ocupações do século VII aparecem pinhões (a semente da Araucária) carbonizados, umas vezes inteiros, outras vezes suas cascas, sugerindo que estão ali para colher pinhão. Esta nutritiva semente encontra-se disponível no fim do verão e durante o outono, quando também amadurecem frutas como o Araçá (*Psidium cattleianum* Sabine), a Guabiroba (*Campomanesia xantocarpa* O. Berg), o Guabiju (*Myrciantes pungens* [O. Berg] D. Legrand) e a Goiaba da Serra (*Acca selowiana* [O. Berg] Burret), das matas locais. As sementes do pinheiro e as frutas do mato atraem grandes mamíferos e numerosas aves, cuja carne complementaria os alimentos vegetais. Estes recursos estão disponíveis em quantidade no período indicado, sugerindo que é o momento do ano em que os grupos humanos estão presentes; fora dele pouco ou nada existe para comer.

Os aglomerados de estruturas estão distribuídos sobre um cordão de terra elevada, em ambas as margens de um pequeno fluxo permanente de água, alimentado pelas chuvas e por um alto lençol freático, cujas águas escorrem das encostas. Por razões de utilidade e segurança eles combinam uma distância mínima desse fluxo, onde se abastecem de água, com a necessária distância do lençol freático; se muito alto, ele inviabilizaria as casas com pisos rebaixados; mesmo assim, observa-se que algumas depressões são invadidas, temporária ou permanentemente, pela água subterrânea.

Ainda uma última pergunta: Porque uma aglomeração exagerada neste lugar quando havia outros aparentemente com as mesmas características? Neste tempo o pinheiro começava a se expandir sobre os campos do planalto a partir dos vales enfunados de sua borda (Bauermann & Behling 2009), mas as sementes ainda não estariam disponíveis em muitos lugares. Se no Rincão dos

Albinos houvesse um pinheiral pioneiro, e a paisagem apresentava condições para isso, teríamos uma razão para muitas voltas. Os pinhões carbonizados nas camadas do século VII indicam a existência de pinheiros e a utilização de suas sementes.

O estudo do sítio indica tratar-se de visitas temporárias, no período quente do ano, deixando aberta a questão de onde os grupos estariam nas outras estações. Nos perfis palinológicos, desde antes de quatro mil anos, aparece muito carvão da queima de campo, que poderia indicar que eles estariam caçando pelos campos e queimando-os para atrair a caça com o rebrote das ervas. O carvão se torna pouco evidente nas amostras de pólen depois que as casas subterrâneas se estabilizam no planalto.

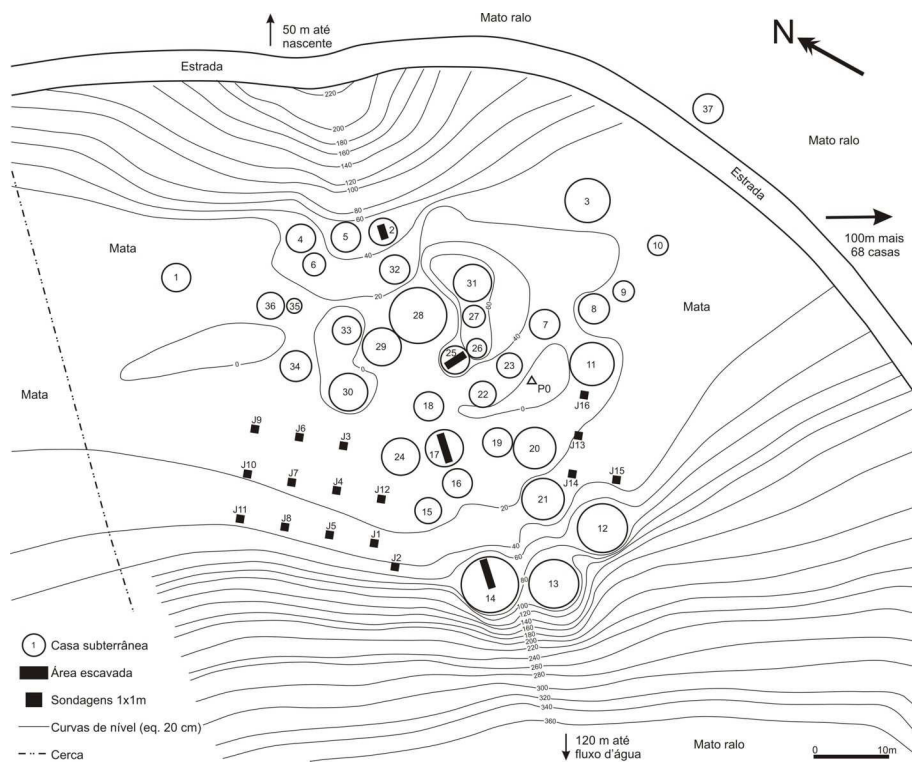


Figura 3: Concentração de depressões no lado direito do fluxo de água, com a indicação das intervenções. Croqui de J.H.Rogge.

Seria difícil de explicar o grande número de depressões e novas ocupações, se pensássemos no envolvimento de um grupo muito pequeno e disperso. A sugestão é que nessa borda do planalto haveria um número maior de pessoas, que caçavam nos campos, colhiam sementes nos pinheirais pioneiros e sepultavam seus mortos em abrigos rochosos (Rohr, 1971; Piazza, 1969; De Masi, 2001).

Na margem esquerda do fluxo de água, entre aglomerados de estruturas, foram registrados 10 montículos medindo até 5 m de comprimento e 1 m de altura e sobre um terreno pouco mais alto, junto à nascente do fluxo de água, mais longe das depressões, foram registrados outros, que poderiam estar relacionados com sepultamentos. Nenhum deles foi estudado.

Taió

O sítio SC-TA-04 (Schmitz *et al.*, 2009) está localizado em Alto Palmital, município de Taió, numa altitude de 600 m, no limite do Planalto das Araucárias com a planície que acompanha o Rio Itajaí do Oeste. Ele se compõe de 12 estruturas fundas ('casas subterrâneas'), 2 estruturas rasas, um grande lugar de fogo e um montículo funerário, agrupados em pequeno patamar, que inclina suavemente para o próximo ribeirão Palmital. Um pouco afastado encontra-se o aterro de 5 m de comprimento por 3 m de largura e 0,8 m de altura, circundado por rasa valeta, que é considerado funerário.

Da cobertura original de mata mista com Araucária sobram hoje altos pinheiros isolados em campo de pastagem, mas as estruturas não tinham sofrido maiores intervenções até a chegada dos arqueólogos (Figura 4).

O sítio encontra-se isolado em área caracterizada por ocupação da Tradição Umbu, que, na proximidade, possui numerosos assentamentos, com datas que começam 8.090 ± 50 anos A.P. (Beta-233601). Só existe mais uma estrutura semelhante, grande e funda, em outra extremidade do município.

As depressões semiesféricas que formam as estruturas principais do assentamento estão distribuídas em arco num dos lados de um terreno quase plano, onde formam agrupamentos. Elas são pequenas, entre 4 e 6 m de diâmetro e 0,45 a 1,8 m de profundidade; elas partilham os aterros niveladores de suas bordas e, frequentemente, interferem nos perímetros umas das outras.

Foram escavadas integralmente 6 depressões, 2 estruturas rasas e 1 grande lugar de fogo. E foram realizados 7 cortes de 1 x 1 m e 3 cortes de 1 x 2 m, cobrindo o entorno de conjuntos de estruturas em pontos diferentes. As intervenções realizadas testaram mais de 50% do assentamento.

As estruturas fundas ('casas subterrâneas') não têm camadas bem definidas e contêm poucos materiais. Até mesmo o carvão, resultante de fogueiras, costuma não ser muito, apenas tingindo o sedimento mais profundo da depressão. Em duas estruturas foram encontradas pequenas fogueiras, armadas com poucos seixos, sugerindo ocupação passageira das mesmas.

Encostados nas depressões, mas do lado de fora delas, densos estratos escuros com aglomerados de seixos e alguns artefatos, indicam atividades de cocção e de outras ações da rotina diária. O mesmo acontece com uma estrutura rasa, isolada na plataforma, do outro lado das estruturas fundas.

Os cortes abertos no entorno das depressões para verificar o espaço não atingido pelo movimento de terra da construção das estruturas, também proporcionaram algum material, uns mais, outros menos, como era previsível.

Os poucos artefatos recuperados nas intervenções usaram como matéria prima o arenito friável, o arenito silicificado, o basalto e o sílex, todos

facilmente acessíveis no lugar. Pequenos blocos de arenito friável foram usados na armação de fogueiras e dois pequenos fragmentos de alisadores; seixos e fragmentos de basalto foram usados na armação de fogueiras, um seixo foi usado como percutor; em basalto polido foram recuperados, ainda, uma lâmina de machado, um talão de lâmina e um fragmento de artefato não classificado; de arenito silicificado havia poucos fragmentos; de sílex havia lascas, um núcleo, um pequeno talhador, dois pequenos bifaces e uma ponta de projétil, que não se distinguem do material e dos artefatos da Tradição Umbu da região.

Em toda a extensão das intervenções não apareceu nenhuma cerâmica.

Existem quatro datas de C^{14} . Três são antigas, semelhantes às antigas do sítio do Rincão dos Albinos, uma é bastante posterior. Elas indicam ocupações mais distanciadas no tempo do que naquele sítio. A data da estrutura 11, rasa junto de uma funda, é de 1.390 ± 50 A.P. ou AD 580 a 690 (Beta-247953). A data da estrutura 13, isolada no terreno aplanado, é 1.220 ± 50 A.P. ou AD 670 a 900 e 920 a 950 (Beta-228165). A data da estrutura 14 (Figura 5), grande lugar de fogo junto a estrutura funda, é de 1180 ± 40 A.P. ou AD 720 a 740 (Beta-229856). A data da estrutura 5, funda, é de 650 ± 50 A.P. ou AD 1270-1410 (Beta-214107).

Além das datas, o sítio tem outras coincidências com o anterior: o ambiente, na borda superior do planalto das Araucárias, embora em menor altitude; as estruturas escavadas muito juntas, interferindo umas nas outras; a pouca densidade das ocupações individuais dentro das depressões; a estrutura das fogueiras, construída com grande acúmulo de seixos; a composição do material lítico polido de produção não local; a total ausência de cerâmica; a repetida volta ao sítio para curta permanência.

Há também diferenças: a consideravelmente menor frequência na ocupação do sítio, resultando em número inferior de estruturas e menos material; e a presença de artefatos da tradição Umbu, que pode ser considerada consequência de contato entre as duas populações; a estrutura 13, em que aparecem artefatos da tradição Umbu tem a segunda data mais antiga do sítio.

As razões da diferença são difíceis de estabelecer. Elas poderiam estar ligadas a menor disponibilidade alimentar (menos pinheiros), a uma função diferente do assentamento, a uma população menor nos arredores ou visitas apenas ocasionais de famílias de grupo maior, à presença na região dos caçadores da Tradição Umbu.



Figura 4: O sítio de Taió, em campo de pastagem, com araucárias remanescentes. Foto de P.I.Schmitz.



Figura 5: Estrutura 14, típico lugar de fogo, junto a uma depressão hemisférica. Foto de P.I.Schmitz.

A ocupação da planície costeira e do litoral atlântico

O grande cemitério de Içara

SC-IÇ-01 (Schmitz *et al.*, 1999) está localizado num pasto de vacas leiteiras, encostado a um canal desativado da desembocadura do Rio Araranguá no Oceano Atlântico, no município de Içara, SC. Ele se estende aproximadamente 200 m ao longo do canal, com uma largura de uns 30 m e se apresenta sob a forma de várias concentrações de conchas de moluscos marinhos, ossos de peixes marinhos, restos de caça terrestre e de coleta vegetal. Na maior parte do sítio as concentrações continuam isoladas e identificáveis; em outra parte elas se sobrepõem e fundem, resultando numa camada única de uns 30 cm de espessura. O local, inicialmente coberto por mata de restinga, com grandes árvores, foi desmatado e plantado com técnicas tradicionais. Estas perturbaram o nível superficial, mas deixaram intacta a maior parte da camada principal, que ainda representa bem o processo de ocupação do sítio.

A paisagem em que o sítio está implantado é de planície costeira ondulada, com grandes lagoas próximas, coberta por mata de restinga e não muito distante da mata atlântica da encosta do planalto. Nela, sem grande deslocamento, podiam ser alcançados os recursos do mar, do rio, das lagoas e das matas.

Nas diversas manchas e na concentração principal foram escavados 364 m², em blocos e trincheiras, que representam aproximadamente a metade do sítio, como ele aparecia superficialmente.

A intervenção mostrou como nas concentrações independentes, que têm 6 a 10 de diâmetro, se distribui o lixo alimentar e artesanal; ele é primário e mais espesso no centro, em meio a fogueiras desmanchadas, diminuindo em direção à borda. Por baixo dessa camada de lixo doméstico aparecem sombras de estacas, mas sua identificação é difícil por causa dos muitos túneis feitos pelos tuco-tucos (*Ctenomys* sp).

Analisando os restos dos animais apanhados, que estão presentes nesse lixo, nos damos conta de que sobressaem aqueles que teriam produzido alimento abundante, de boa qualidade, em menos tempo. Entre os moluscos predominam o marisco-branco (*Mesodesma mactroides*) e o moçambique (*Donax hanleyanus*), presentes nas águas rasas da praia, e a ostra (*Crassostrea rhyzophorae*), de um grande banco desses moluscos na desembocadura do rio. Entre os peixes sobressaem os bagres adultos, que, no período quente do ano, entram pela desembocadura do rio, a partir de cujas margens seriam apanhados. Entre os mamíferos terrestres são muitos os elementos de porco-do-mato-queixada (*Tayassu pecari*), de anta (*Tapirus terrestris*), de cervo (*Blastocerus dichotomus*), de veado-campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*) e de paca (*Agouti paca*), representantes de diversos ambientes locais. Os restos vegetais são predominantemente caroços de frutas da mata de restinga, na qual era abundante o jerivá (*Syagrus romanzoffiana*). O conjunto dos elementos da fauna e da flora, levados para o sítio, indica a presença do homem no período quente do ano.

É muito significativo que, mesmo com a escavação de metade do sítio, não se encontrasse um fragmento de cerâmica.

São quase nulos também os artefatos em osso ou concha.

O material lítico, distribuído com certa uniformidade nas diversas concentrações, não é abundante: 3.764 peças, das quais 2.847 são fragmentos ou seixos naturais. As 917 peças restantes são compostas por lascas, núcleos e fragmentos, quebra-coquinhos, mãos-de-pilão, percutores, alisadores e seixos com faces alisadas, talhadores, seixos encabados. Excetuando as numerosas mãos-de-pilão, que por sua matéria-prima e forma sugerem origem no interior do continente, os materiais são expeditos, produzidos sobre matéria prima local para utilização imediata e descarte. As mãos-de-pilão foram intensa e intencionalmente quebradas, destruídas. Embora o sítio esteja na planície costeira, próximo ao litoral, estão ausentes nele as típicas lâminas de machado dos sambaquis; ausentes estão também outras lâminas de machado que indiquem desmatamento ou preparo de artefatos de madeira.

Mais que o resto chamam a atenção os sepultamentos, distribuídos em 4 pequenos cemitérios e 2 sepulturas isoladas (Figura 6). No setor em que as concentrações se sobrepõem, há três cemitérios, provavelmente resultantes da junção de três concentrações; um cemitério está em concentração mais afastada; existe ainda uma sepultura isolada em concentração central e uma sepultura isolada no limite entre concentrações. Estes dados sugerem que as concentrações tinham, cada uma, um lugar reservado para depositar os seus mortos.

Foi possível identificar os restos mortais de 84 indivíduos: 43 adultos, 6 jovens, 21 crianças e 15 lactentes, representando ambos os sexos.

Há sepultamentos primários, com deposição do corpo inteiro; e secundários, com deposição de esqueleto sem carne, com deposição de corpo chamuscado por fogo insuficiente para consumi-lo, e deposição de ossos descarnados totalmente mineralizados pelo fogo. Esses tratamentos do corpo para o sepultamento eram aplicáveis às diversas categorias de idade e aos dois sexos.

Vinte indivíduos, de diversas classes de idade e de ambos os sexos, tiveram sepultamento primário, com o corpo estendido ou dobrado sobre si. Estas sepulturas podiam ser individuais ou coletivas.

Os outros 64 indivíduos tiveram sepultamento secundário: 29 com o esqueleto descarnado; 35 com os ossos do esqueleto mineralizados pelo fogo. Tanto num caso, como no outro, a sepultura podia ser individual ou coletiva.

Especialmente as sepulturas contendo ossos cremados podiam representar muitos indivíduos. Numa dessas sepulturas havia ossos de 11 indivíduos cremados: 3 adultos, 1 jovem, 4 crianças e 3 lactentes. Numa outra havia ossos de 10 indivíduos cremados: 5 adultos, 4 crianças e 1 lactente.

Indivíduos com preparação diferente para o sepultamento eram encontrados no mesmo espaço, uns junto aos outros, ou sobre os outros, indicando que são contemporâneos, e sinalizando que não havia procedimentos específicos para sexo ou para classe de idade.

A deposição de esqueletos descarnados e de ossos cremados em pequeno espaço circular, delimitado horizontal e verticalmente, sugere acomodação em cesto para facilitar o transporte ao cemitério. Esqueletos, de deposição primária, muito dobrados sobre si mesmos, indicam que o corpo foi transportado para o cemitério como fardo.

Só podemos entender as deposições funerárias do sítio de Içara se chegamos a compreender o tratamento dado ao corpo na hora do sepultamento. Este tratamento dependia, basicamente, do tempo e do lugar do falecimento e da distância espacial e temporal de seu grupo com relação ao cemitério comum.

A descrição que o missionário Antônio Ruiz de Montoya (Montoya 1951[1628]) faz do sepultamento dos índios Gualachos do Paraná pode ajudar a entender os sepultamentos de Içara. Ele escreve que o morto era conservado dentro da choupana, em que tinha vivido, até o cheiro da decomposição se tornar insuportável. Era, então, exposto num jirau, na proximidade da aldeia ou na roça, até secar e finalmente os ossos eram reunidos e cremados e as cinzas enterradas solenemente numa sepultura aberta no mato próximo.

Existem duas datas para o sítio: 1.580 ± 50 anos A.P. (Beta-72196) e 1450 ± 60 anos A.P. (Beta-72197).

O tratamento dos mortos, especialmente a cremação, nos deixa claramente na esfera do Jê Meridional.

Os sepultamentos secundários, especialmente as deposições coletivas de esqueletos descarnados e ossos cremados, testemunham que eles não vivem no local, mas se deslocam no espaço, tendo o cemitério como local de referência para guarda de seus mortos. Os cemitérios separados, ligados às diferentes concentrações de resíduos, sugerem que são de grupos familiares, que se reúnem e voltam a se reunir nesse espaço. Nos momentos de reunião eles têm abundância de alimentos.

Mas as crianças e lactentes mortos em grande quantidade indicam dificuldades na reprodução do grupo.

Como o sítio está na planície costeira, surge naturalmente a pergunta sobre a relação biológica e cultural de seus habitantes com os pescadores litorâneos. Os esqueletos, que poderiam responder a pergunta sobre as relações biológicas são insuficientes para uma comparação satisfatória (Hübbe *et al.* 2009). A implantação do sítio e sua organização, a apropriação dos recursos do ambiente, a época e duração da permanência no lugar e os artefatos deixam claro que não se trata de pescadores litorâneos conhecidos como sambaqueiros. Não só as datas, mas outras características manifestadas no sítio, aproximam-nos dos grupos observados no Rincão dos Albinos e em Taió.

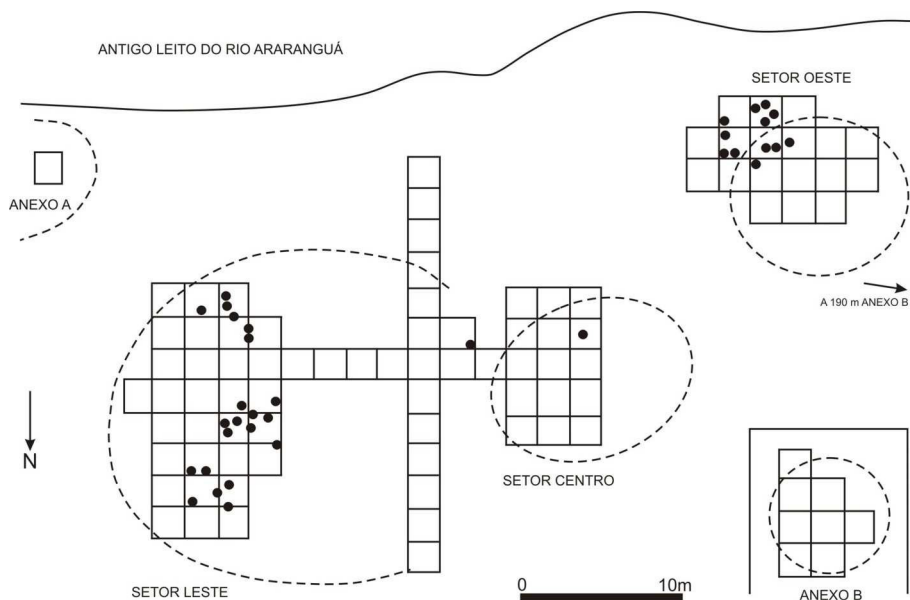


Figura 6: O cemitério de Içara. Os pontos indicam sepulturas, individuais ou coletivas. Adaptado de Schmitz *et al.* 1999, p. 28.

Tapera e a consolidação do povoamento no litoral

O sítio da Tapera (Silva *et al.* 1990) está localizado em pequena enseada, na Baía Sul da Ilha de Santa Catarina. João Alfredo Rohr escavou o sítio inteiro, numa extensão de mais de 2.000 m², recuperando imensa quantidade de artefatos e descobrindo 172 sepultamentos. O sítio teve duas ocupações ceramistas da sub-tradição Itararé e uma da tradição cerâmica Guarani. A forma de sepultar os mortos é que distingue as ocupações Itararé: na primeira ocupação eles são depositados estendidos ao longo das paredes de pequenas habitações circulares, permanecendo no âmbito da família; na segunda, para a qual não conhecemos a forma e o tamanho das habitações, eles são estendidos em pequenos cemitérios delimitados, que se supõem reúnam os membros falecidos de famílias determinadas, mantendo também o caráter familiar da deposição observado no povoamento inicial. A primeira ocupação do lugar está datada em 1140 ± 180 anos A.P. ou AD 810 (SI-245) e 1030 ± 180 anos A.P. ou AD 920 (SI-246); existe outra data, de 800 ± 70 anos A.P. ou AD 1150 (SI-243), que possivelmente corresponda a uma segunda ocupação. A data da ocupação guarani é 550 ± 70 anos A.P. ou AD 1400 (SI-244).

A população da sub-tradição cerâmica Itararé do sítio está bem adaptada ao ambiente litorâneo, onde explora os abundantes recursos do mar, do mangue e da terra firme, e parece entrosada com os ocupantes anteriores do litoral, cujos artefatos pouco se diferenciam dos que ela usa. A relação biológica com os pescadores litorâneos não ficou bem definida, em parte porque os esqueletos da primeira ocupação Itararé são poucos e, somados na

análise aos da segunda, resultaram num quadro geral, não específico para cada ocupação, nem verdadeiro para o todo. Assim permanece indefinido o processo do encontro entre essas populações (Neves, 1988; Okumura, 2008).

A primeira instalação era pequena, em choupanas circulares de 4 a 6 m de diâmetro; a forma e o tamanho são deduzidos da disposição dos mortos, depositados no interior das mesmas, ao longo da parede. Calculou-se em 9 o número dessas choupanas do primeiro momento, que, num espaço de 336 m², se sobrepunham umas às outras (Figura 7). A forma, o tamanho e a sobreposição no mesmo lugar, embora houvesse muito espaço disponível, lembram claramente os primeiros acampamentos do planalto, em Rincão dos Albinos e em Taió, e o cemitério de Içara, na planície costeira, cujas datas são um pouco anteriores.

Pelo fato de que os materiais da sub-tradição Itararé do sítio foram analisados como um todo, e na escavação não foi possível separar estratigraficamente as duas ocupações, não chegamos a saber qual a distância temporal e cultural entre a primeira e a segunda ocupação, nem mesmo se a primeira instalação tinha muita ou pouca cerâmica. Pelo número de sepultamentos em espaços restritos da segunda ocupação (Figura 8) suspeitamos que ela tenha sido muito maior e mais permanente que a primeira.

Posteriormente ao povoamento inicial da Tapera aparecem numerosos sítios grandes no litoral, desde a Ilha de Santa Catarina até a Ilha de São Francisco (Bryan, 1961; Duarte, 1971; Rohr, 1984; Fossari, 2004; Beck, 2007). Em alguns desses sítios, que tiveram escavação ampla e sistemática, como Laranjeiras II (Schmitz *et al.*, 1993) e Cabeçudas (Schmitz & Verardi, 1996), podemos recuperar a informação que no segundo povoamento de Tapera ficou faltando. Os sepultamentos continuam dentro da habitação, ao longo da parede, mantendo os mortos no âmbito da família; as habitações são bem maiores e o número de deposições aumenta nelas proporcionalmente, chegando a mais de trinta numa casa (Figura 9, c); os corpos não mais estão estendidos, mas dobrados, acumulados e sem adornos (Figura 9, a e b; figuras 10 e 11). Na escavação de 500 m² do sítio de Laranjeiras II, correspondendo à metade do assentamento, foram encontrados 114 sepultamentos; em 38 m² do sítio de Cabeçudas, foram recuperados 62 sepultamentos. As habitações estão concentradas e na sucessão das gerações elas foram levantadas umas sobre as outras.

Segundo os biólogos, que estudaram seus esqueletos, em algumas dessas aldeias, como em Enseada I e Laranjeiras II, a população parece mais claramente adventícia, vinda do planalto, em outros, mais parecida com a dos pescadores anteriores (Neves, 1988; Okumura, 2008).

A multiplicação de sítios grandes indica sucesso e estabilidade do povoamento, com seu novo modo de vida litorâneo, de uma população ora mais, ora menos, misturada com a dos pescadores anteriores. Grandes gravuras típicas, em blocos rochosos voltados para o alto mar, assinalam e identificam o território das aldeias (Aguilar, 2002; Comerlato, 2005).

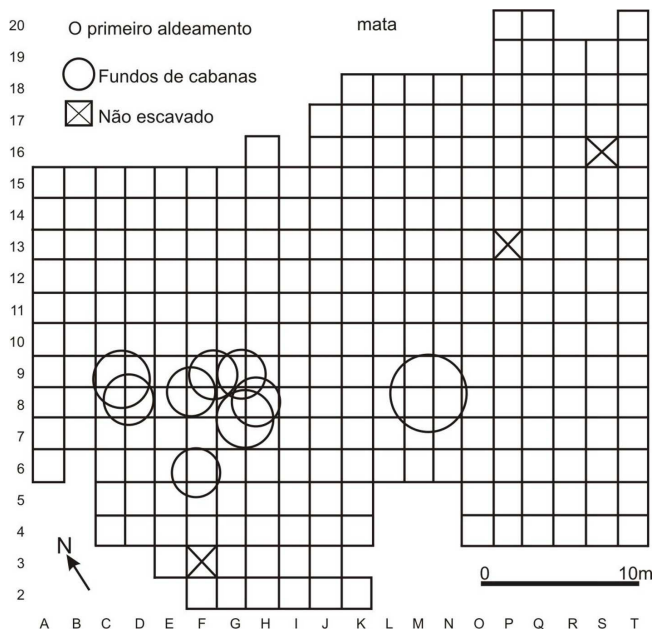


Figura 7: Disposição das cabanas da primeira ocupação de Tapera. Adaptado de Silva *et al.*, 1990, p. 189.

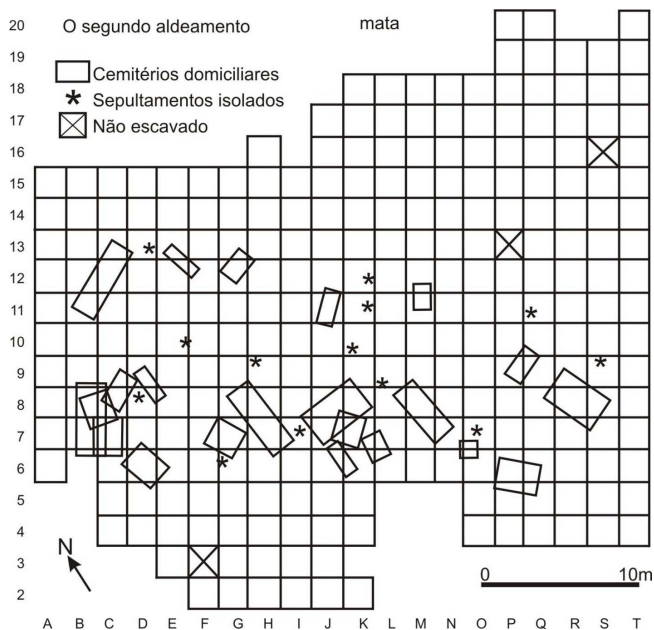


Figura 8: Disposição dos cemitérios domiciliares na segunda ocupação de Tapera. Adaptado de Silva *et al.*, 1990, p. 190.

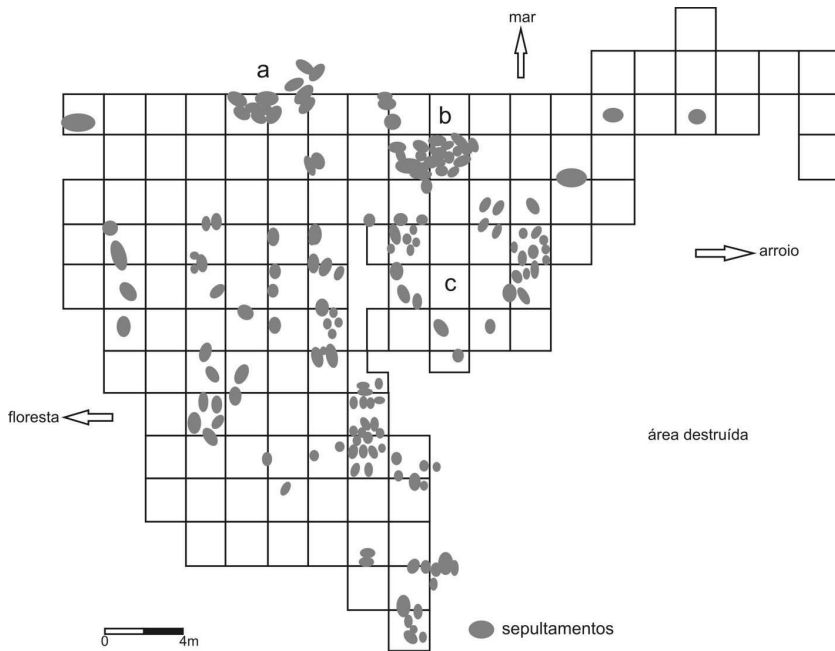


Figura 9: Disposição dos sepultamentos no sítio de Laranjeiras II; na casa **c** são 32 indivíduos; para detalhe das letras **a** e **b** ver figuras 10 e 11. Adaptado de Schmitz *et al.*, 1993, p. 36.



Figura 10

Figura 11

Figuras 10 e 11. 10. Disposição dos corpos no interior da casa **a** da figura 9. 11. Disposição dos corpos no interior da casa **b** da figura 9. Dos desenhos originais de P. João Alfredo Rohr, S.J., no acervo do IAP.

As datas para os sítios vão do século IX ao XII, quando desaparecem, sugerindo que, a partir de então, a ocupação foi encerrada. No espaço, às vezes sobre os sítios anteriores, como no caso da Tapera, surgem assentamentos de horticultores ceramistas da tradição Guarani, que os terão desalojado; não se conhecem aldeias em que as duas populações continuassem, convivendo.

A consolidação do povoamento no Planalto das Araucárias

De volta à Boa Parada

Junto à sede do município de São José do Cerrito, no lugar chamado Boa Parada, distante 20 km do Rincão dos Albinos, tem-se uma amostra adequada de como o povoamento do planalto se consolidou com a expansão do pinheiro (Schmitz *et al.*, 2010). Num raio de 1.500 m existem ali 18 sítios arqueológicos com casas subterrâneas e 1 ‘danceiro’ (Figura 12).

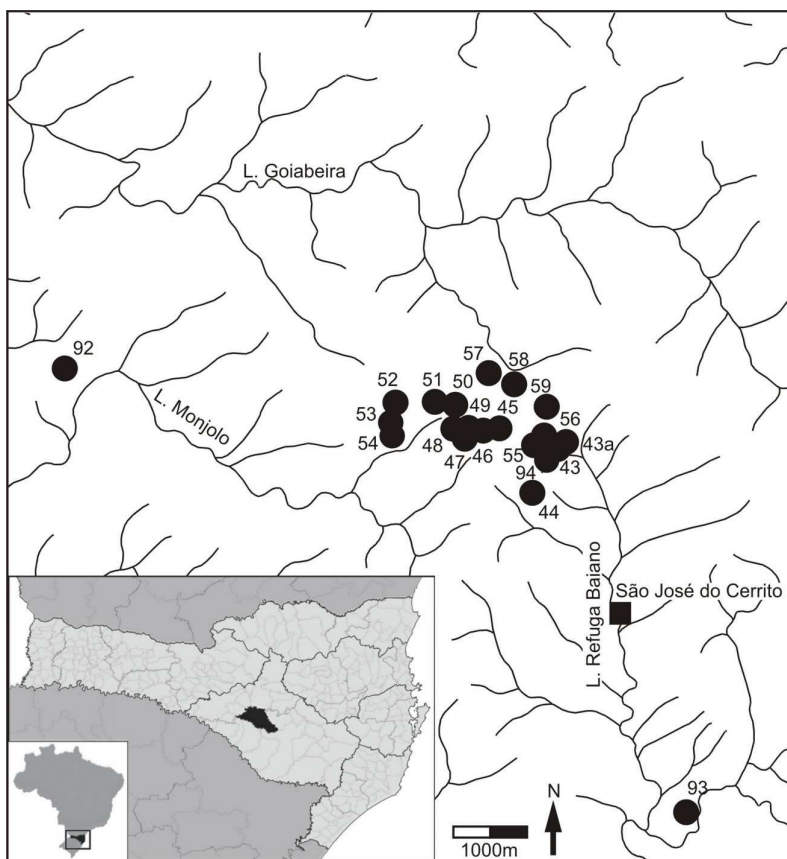


Figura 12: Aglomerado de sítios no lugar chamado Boa Parada. De Schmitz *et al.*, 2010, p. 17.

O número de casas por sítio varia de 1 a 18. As depressões, que formam o centro das casas, têm, predominantemente, entre 2 e 8 m de diâmetro; mas também existem aquelas de 10, 11, 12,5, 15,5 e 20 m de diâmetro. As profundidades dessas depressões, antes da escavação arqueológica, vão de 1 a mais de 4 m.

A terra removida da depressão era colocada ao redor de sua borda, formando um aterro plano que levantava e multiplicava a superfície sobre a qual se ergueria a estrutura aérea. Desta forma, a terra removida de uma casa com 13 m de diâmetro e 4 m de profundidade, que foi acumulada ao longo de sua borda, criou uma plataforma de vários metros de largura e um metro de altura. Numa estrutura próxima, a terra removida de duas depressões geminadas, com 5 m de diâmetro cada uma, criou uma plataforma retangular elevada de 15 por 20 m, cujo centro passou a ser constituído pelas duas depressões (Figura 13). A maior depressão do lugar, com 20 m de diâmetro e 7 m de profundidade original resultou em terra suficiente para construir largos aterros niveladores no entorno da borda e as sobras ainda formaram um montículo de 30 x 28 x 2,20 m de altura. A movimentação de terra para construção de grandes casas ainda produziu vários pequenos montes, como o mencionado acima, que são vazios, mas poderiam ter recebido alguma função, que ainda desconhecemos.

A movimentação de terra se destinava principalmente à produção de casas, algumas grandes, com uma ou duas depressões centrais, outras médias e pequenas; podem estar isoladas ou formar conjuntos.

É na depressão central dessas casas que se encontram as principais estruturas de fogo, as vasilhas abandonadas, alguns artefatos em pedra e cascas carbonizadas de sementes de Araucária. Mas também existem artefatos abandonados nos aterros niveladores e estruturas de fogo no entorno dessas estruturas.

A equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas fez intervenções de regular tamanho em 5 casas e cortes de vários tamanhos em seus arredores, do que resultaram datas, que indicam a seqüência e o caráter da ocupação.

A casa maior, com uma depressão de 13 m de diâmetro, circundada por largo aterro, foi datada em 830 ± 60 anos A.P. ou AD 1160 a 1270 (Beta-242151). Uma casa pequena está datada em 590 ± 40 anos A.P. ou AD 1290 a 1420 (Beta-242152). A casa com depressões geminadas dentro de um aterro de 15 x 20 m, teve uma primeira ocupação datada de 640 ± 40 anos A.P. ou AD 1290 a 1320 (Beta-275575) e uma segunda ocupação datada de 470 ± 50 anos A.P. ou AD 1420 a 1450 (Beta-256216). Uma casa média foi datada em 370 ± 40 anos A.P. ou AD 1440 a 1640 (Beta-285996).

As estruturas, algumas delas muito grandes, lembrando casas indígenas do Parque do Xingu, teriam exigido investimento superior ao de um pequeno grupo familiar e indicam certa estabilidade residencial. São muito diferentes dos acampamentos do Rincão dos Albinos, mas sua ocupação não sinaliza efetiva sedentariedade porque elas são ocupadas por curto tempo, abandonadas, reocupadas e outras novas são construídas do lado, no espaço que forma o sítio. O conjunto dessas casas não representa uma aldeia, mas a

sucessão das ocupações do espaço ao qual eles retornam. Elas já não se interpenetram, mas os espaços entre elas costumam ser pequenos.

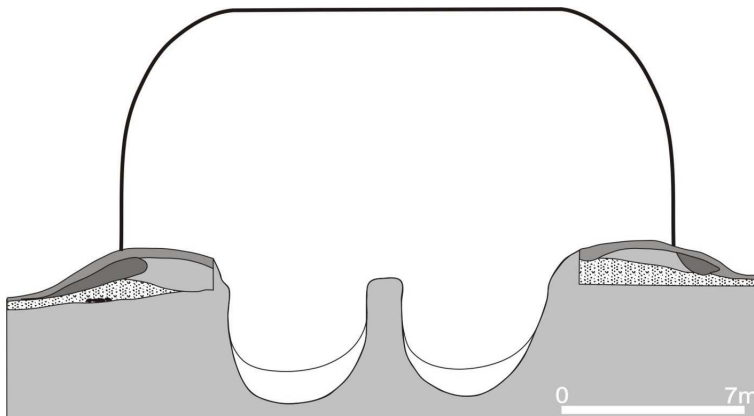


Figura 13: As depressões 4/5 do sítio SC-CL-43, com seus aterros e uma sugestão para sua reconstrução gráfica. Adaptado de Schmitz *et al.*, 2010, p.58.

O 'danceiro', composto por 4 'estruturas anelares' (montículos cercados por anel de terra rebaixada e este circundado por uma taipa de terra), ocupava uma posição central entre os numerosos sítios de Boa Parada. Ele foi datado em 770 ± 40 anos A.P. ou AD 1210 a 1290 (Beta-275576), mostrando que desde cedo faz parte do povoamento do lugar. Ele poderia ter sido um elemento estabilizador do povoamento: sua camada de ocupação é mais densa e variada que a do interior das casas e as 4 estruturas que o compõem não precisam ter a mesma idade.

O espaço da Boa Parada é representativo do Período de expansão e consolidação do povoamento do planalto, a partir do segundo milênio de nossa era, acompanhando a expansão definitiva da Mata Mista com Araucária (Bauermann & Behling, 2009). As intervenções já dão uma idéia da ocupação, mas ela é incompleta e carece de mais trabalho, já previsto para o próximo ano.

Como na maior parte das pesquisas no planalto, as datas nos abandonam a partir do século XVI, sem cobrir o importante período do encontro com o colonizador europeu. As poucas datas existentes para o século XVIII e XIX (Schmitz *et al.*, 2002; Caldarelli & Herbets, 2002), embora aceitas por arqueólogos como válidas, ainda não inspiram confiança.

Conclusão

Os lingüistas propõem uma trajetória de 3.000 anos como história do Jê Meridional. Em nossas pesquisas no planalto e no litoral de Santa Catarina rastreamos sua presença e datamos suas paradas. A mais antiga é um sítio

isolado no planalto de Santa Catarina, com data de 640 anos antes de nossa era, sobre o qual temos poucas informações.

Elementos mais densos começam a aparecer somente pelo século V, no planalto e na planície costeira. Apesar de uma evolução paralela contendo elementos comuns, é diferente o desenvolvimento nas duas áreas.

O povoamento do planalto, na segunda metade do primeiro milênio de nossa era, é de grupos que deixam depressões hemisféricas agrupadas, muitas vezes superpostas, no lugar de seus repetidos acampamentos, supostamente em pinheirais pioneiros, ainda isolados, quando a Mata Mista com Araucária começa a invasão dos campos. Nesses lugares, só durante o período quente do ano estão disponíveis as sementes da Araucária e saborosas frutas do mato, que atraem animais e servem de complemento protéico para a alimentação humana. No resto do ano os acampamentos estarão vazios porque os moradores se terão dispersado para caçar pelos campos e as matas ribeirinhas.

As depressões, que são o fundo de suas choupanas, formam agrupamentos coetâneos, distanciados uns dos outros no espaço do sítio, sugerindo que famílias ou grupos sociais semelhantes podiam estar acampando próximos, mas separados.

Estes acampamentos se repetem durante vários séculos no mesmo lugar sem que os ocupantes tenham uso de cerâmica. Quando esta aparece, posteriormente, é da sub-tradição Itararé.

Há sepulturas em abrigos rochosos.

A quantidade de estruturas e suas múltiplas ocupações fazem suspeitar que no leste do planalto de Santa Catarina havia, neste tempo, certa densidade populacional. É o que mostram o Rincão dos Albinos e Taió.

No início do segundo milênio, acompanhando uma expansão mais intensa da Mata Mista com Araucária, o povoamento do planalto se generaliza, as estruturas se tomam mais potentes e logo surgem os 'danceiros' como lugares de sociabilidade coletiva. A cerâmica está sempre presente, mas nunca é abundante.

A população ainda não é sedentária e as estruturas agrupadas num sítio não formam uma verdadeira aldeia, mas uma sucessão de casas com curtas ocupações sucessivas. O investimento na construção de casas grandes cria estruturas disponíveis para esta múltipla ocupação. A migração não é mais do mato para os campos que estão diminuindo, mas de um sítio para outro, dentro de um território marcado por pinheirais. Em tempos históricos os grupos marcavam os pinheirais com símbolos de sua identidade.

Os mortos são depositados em abrigos rochosos ou enterrados ao lado das casas e em 'danceiros'. Nas 'estruturas anelares', são depositadas as cinzas de indivíduos cremados.

Temos poucas datas para 'casas subterrâneas' a partir do século XV. Nesse tempo o Guarani já domina as planícies dos rios que penetram no planalto e domina igualmente a planície costeira, produzindo novo equilíbrio na região. Nesse novo equilíbrio talvez seja mais importante para os moradores do planalto a presença de um modo de vida baseado no cultivo, do que o próprio

avanço do Guarani, que permanece assentado nos vales. Aumentando seus próprios cultivos, talvez os moradores do planalto já não achassem adequadas suas velhas 'casas subterrâneas'.

O povoamento da planície costeira, na segunda metade do primeiro milênio, apresenta um grande cemitério, onde uma população móvel guardava os seus mortos. O modo de sua deposição dependia, basicamente, do tempo e do lugar do falecimento e da distância espacial e temporal do grupo migrante com relação ao cemitério comum; ele podia ser primário ou secundário e, neste caso, com o esqueleto descarnado, ou com os ossos secos cremados. Esta é a indicação mais forte de sua identidade. Os cemitérios separados sugerem organização funerária por famílias ou grupos sociais. Os cemitérios estavam num lugar de abundantes recursos marinhos e terrestres e o sepultamento era acompanhado por fartas refeições. Os produtos do mar já têm grande importância nessas refeições, mas sua apanha e seu preparo não vêm acompanhados dos artefatos usados pelos pescadores marinhos; pelo contrário, eles são mais característicos do interior do continente. Como os contemporâneos do planalto, os migrantes da planície costeira tampouco fabricam e usam artefatos cerâmicos.

Alguns séculos depois, nos damos conta de que a população se associou com os pescadores do litoral, se tornou marítima e passe a se estabelecer na beira do mar. No primeiro povoamento ceramista de Tapera as choupanas continuam a se sobrepor num pequeno espaço, como no Rincão dos Albinos e em Taió, mas guardam seus mortos dentro da casa com a família. Numa consolidação do povoamento no lugar, os mortos se tornam numerosos e saem de casa, mas continuam em sepultamentos separados, presumivelmente familiares. A cerâmica da sub-tradição Itararé torna-se muito abundante, supostamente por ter assumido uma nova função, com o preparo de produtos do mar.

O povoamento começado na Tapera se expande ao longo do litoral em assentamentos grandes, que mantêm as características do anterior. As casas são ampliadas, nelas vivem e morrem muito mais pessoas, mas elas continuam a se sobrepor no mesmo pequeno espaço. Os mortos continuam com a família, dentro da habitação.

Este povoamento se mantém durante alguns séculos e depois desaparece. Suspeita-se que isto seja consequência da ocupação guarani da planície costeira, que os poderia ter eliminado ou afugentado. Quem sabe, alguns deles não se refugiaram na densa Mata Atlântica da encosta do planalto, onde os Xokleng aparecem de repente.

Nosso texto não tem condições de mostrar todos os passos da trajetória do Jê Meridional no planalto e na planície costeira de Santa Catarina, mas propõe dados, novos e velhos, que ajudam a refletir sobre essa trajetória. O primeiro deles é que captamos sua presença, praticamente, só a partir de meados do primeiro milênio de nossa era, quando eles já apresentam certo volume populacional, no planalto e no litoral. O segundo é que os lugares em que os captamos presentes, durante séculos, não mostram nenhum uso de cerâmica. Não se atribuíram os materiais estudados a um grupo específico

dentro do Jê Meridional, mas todos os dados gritam: Xokleng presente! Ulteriores pesquisas talvez ajudem a separar as trajetórias que desembocaram no Xokleng e no Kaingang atuais e confirmem, ou não, as deduções de lingüistas e antropólogos.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas de. 2002. *Manual de Arqueologia Rupestre: Introdução ao Estudo da Arte Rupestre na Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes*. 1ª ed. Florianópolis, IOESC.
- BARTOLOMÉ, Miguel. A. 2006. "As etnôgeneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político". *Mana*, Rio de Janeiro, 12(1): 39-68.
- BAUERMANN, Soraia Girardi *et al.* 2009. "Biomias regionais e evolução da paisagem no Rio Grande do Sul com base em paleopalinologia". In: RIBEIRO, Ana Maria *et al.* (org.). *Quaternário do Rio Grande do Sul, Integrando Conhecimentos*. Porto Alegre, SBP, pp. 81-93.
- BAUERMANN, Soraia Girardi; BEHLING, Hermann. 2009. "Dinâmica paleovegetacional da floresta com araucária a partir do final do Pleistoceno: o que mostra a palinologia. In: FONSECA, Carlos Roberto *et al.* (eds.) *Floresta com Araucária. Ecologia, conservação e desenvolvimento sustentável*. Ribeirão Preto, Holos Editora, pp. 35-44.
- BECK, Anamaria. 2007. *A variação do conteúdo cultural dos sambaquis do litoral de Santa Catarina*. Erechim, Habilis.
- BRYAN, Alan Lyle. 1961. "Excavation of a Brazilian shell mound". *Science of Man*, 1:148-151/174-175.
- CALDARELLI, Solange Bezerra; HERBERTS, Ana Lúcia. 2002. "Estruturas habitacionais escavadas na Baía do Rio Chapecó, extremo oeste catarinense." *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 58:139-156.
- COMERLATO, Fabiana. 2005. *As representações rupestres do litoral de Santa Catarina*. Tese de Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- DE MASI, Marco Aurélio Nadal. 2001. "Pescadores coletores da costa sul do Brasil". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 57:1-136.
- DE MASI, Marco Aurélio Nadal. 2006. "Arqueologia das terras altas do sul do Brasil. O baixo vale do Rio Canoas, SC". In: DE MASI, Marco Aurélio Nadal (org.). *Xokleng 2860 a.C. As terras altas do sul do Brasil*. Florianópolis, Editora Unisul, pp. 47-75.
- DUARTE, Gersa Maria. 1971. "Distribuição e localização de sítios arqueológicos tipo sambaqui, na Ilha de Santa Catarina". *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, Florianópolis, 4:31-60.
- FOSSARI, Teresa Domitila. 2004. *A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina*. Tese de Doutorado em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- HALL, Stuart. 2003. "Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior". In: SOVIK, Liv. (org). *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, pp. 25-50.
- HÜBBE, Mark *et al.* 2009. "Postmarital residence practice in Southern Brazilian coastal groups: continuity and change". *Latin American Antiquity*, Washington D.C., 20(2):267-278.
- MILLER, Eurico Theóphilo. 1967. "Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul". *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, 6:15-38.
- MONTOYA, Antonio Ruy de. 1951[1628]. "Carta ânua do Padre Antonio Ruiz, superior da missão do Guairá, dirigida em 1628 ao Padre Nicolau Duran, Provincial da Companhia de Jesus". In: CORTESÃO, Jaime. (org). *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, pp. 259-298.

- NEVES, Walter Alves. 1988. "Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 43:1-178.
- OKUMURA, Maria Mercedes Martinez. 2008. "Diversidade morfológica craniana, micro-evolução e ocupação pré-histórica da costa brasileira". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 66:1-306.
- PIAZZA, Walter Fernando. 1969. "A área arqueológica dos "Campos de Lages". *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, 13:63-74.
- ROGGE, Jairo Henrique. 2005. "Fenômenos de fronteira. Um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 62:1-125.
- ROHR, João Alfredo. 1971. "Os sítios arqueológicos do planalto brasileiro". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 24:1-56.
- ROHR, João Alfredo. 1984. "Sítios arqueológicos de Santa Catarina". *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, Florianópolis, 16:77-168.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio *et al.* 1993. "Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da tradição ceramista Itararé". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 49:1-181.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio *et al.* 1999. "Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 55:1-164.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio *et al.* 2002. "O Projeto Vacaria: casas subterrâneas no Planalto Rio-Grandense". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 58:11-105..
- SCHMITZ, Pedro Ignácio *et al.* 2009. "Taió, no vale do Rio Itajaí, SC. O encontro de antigos caçadores com as casas subterrâneas". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 67:185-320.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio *et al.* 2010. "Casas subterrâneas no planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 68:7-78.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique. 2008. "Um sítio da tradição cerâmica Aratu em Apucarana, PR". *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 18:47-68.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique. 2011. "107 'casas subterrâneas' no início do povoamento Jê Meridional em Santa Catarina: Rincão dos Albinos". *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 21: no prelo.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; VERARDI, Ivone. 1996. "Cabeçadas: um sítio Itararé no litoral de Santa Catarina". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 53:125-181.
- SILVA, Fabíola Andrea. 1999. "As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e os seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xokleng". *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, 23(30):57-73.
- SILVA, Sérgio Baptista da *et al.* 1990. "Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani". *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 45:1-210.
- URBAN, Greg. 1992. "A história da cultura brasileira segundo as línguas indígenas". In: CUNHA, Manuela Carneiro. (org.). *História dos índios do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 87-102.
- WIESEMANN, Úrsula. 1978. "Os dialetos da língua Kaingang e o Xokleng". *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, Rio de Janeiro, III:197-217.